



Revista Cocar. Edição Especial N.38/2025 p.1-4

ISSN: 2237-0315

Dossiê: (Re)lançar a indagação: A escola tem futuro?

Apresentação

Dossiê: (Re)lançar a indagação: A escola tem futuro?

Presentation

Dossier (Re)launching the Inquiry: Does School Have a Future?

Allan Rodrigues

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) /
Universidade Estácio de Sá (UNESA)**

Rio de Janeiro-Brasil

Viviane Castro Camozzato

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

Bagé-Brasil

Mônica Knöpker

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Araranguá-Brasil

O presente Dossiê tem como foco os processos culturais e a relação com a escola.

Após 20 anos do lançamento do livro *A escola tem futuro?*, de Marisa Vorraber Costa (2004), nos perguntamos: o que pode a escola? Como se configura o seu presente? Qual o seu futuro? Diversas pesquisas e políticas têm se debruçado sobre a compreensão desse fenômeno social. Se, por um lado, as instituições escolares podem reforçar estereótipos e sistemas de opressão, por outro, também operam como espaços de disseminação de micropolíticas, tecido por múltiplas formas de habitar territórios e ressignificar definições e ordenamentos em escala macro.

Se é verdade que, nas escolas, vivencia-se um movimento de massificação de informações — frequentemente reafirmando a reprodução de modelos oriundos, em sua maioria, da dita “grande mídia” e das metanarrativas que invisibilizam experiências singulares e culturas locais —, também é verdade que o cotidiano escolar, enquanto espaço-tempo complexo, configura-se como lugar de produção, criação, indagação e rebeldia.

Se a escola, hoje, ainda sofre e padece sob os efeitos do conservadorismo, da política da mesmidade, do desejo de uniformidade e da produção de homogeneidades — e se ainda

caminha, de modo hegemônico, no sentido de apresentar respostas, solucionar problemas, equacionar a “incivilidade” do outro, do diferente, do diverso —, ela é igualmente o espaço em que a diferença pode ser desconstruída como desvio e legitimada como constitutiva das relações de alteridade.

A escola também é um espaço praticado, onde as homogeneidades são desfeitas e onde a esperança floresce como fruto possível de um mundo outro. Se, por um lado, o cotidiano escolar tem sido atravessado por esse tempo de automatismo, aceleração e controle social, por outro, esse mesmo cotidiano apresenta caminhos a serem trilhados e convites a (re)pensar nossas relações com o mundo e no mundo.

É a partir do reconhecimento da importância dos encontros, da relevância de nossas heranças, que este Dossiê pretende se debruçar. Afinal, ao atualizarmos a indagação presente no livro de Costa (2004), tanto nos conectamos com uma história que nos antecede quanto abrimos a possibilidade de contar outras histórias. Passadas mais de duas décadas desde seu acontecimento, relançar o questionamento “a escola tem futuro?” nos coloca como herdeiros de um sentido de instituição que não é algo naturalmente dado, visto que a escola se reconfigura no espaço e no tempo a partir de urgências históricas e de modos de composição cotidianos.

Frente ao mencionado, admitimos que estamos lidando, inevitavelmente, com embates em torno da significação. Assumir um sentido de escola implica, necessariamente, a disputa com tantos outros modos possíveis de compreendê-la. Expomos isso para afirmar que nossa intenção, aqui, é conectar múltiplos modos de compreender essa instituição.

Ao acolhermos a indagação de Costa (2004), estamos propondo “escolher as heranças” (Derrida; Roudinesco, 2004). Ao fazer isso, assumimos não um modo mais privilegiado de olhar, mas uma dentre tantas outras possibilidades. Ora, se “a idéia de herança implica não apenas reafirmação e dupla injunção, mas a cada instante, em um contexto diferente, uma filtragem, uma escolha, uma estratégia” (Derrida; Roudinesco, 2004. p. 17), relançar a indagação sobre a escola implica, justamente, assumir que isso se trata, sobretudo, de uma escolha em busca de entender alguns meandros dessa instituição.

Que reconfigurações a escola vem sofrendo? Como compreendê-la no interior de jogos de saber-poder que a constituem de modos díspares? De que maneira olhar para as urgências que lhe acometem? A pandemia de Covid-19 mudou nosso pensamento sobre a

escola? Quais os impactos dos novos dispositivos tecnológicos nessa instituição? O que as macropolíticas têm para dizer no tocante à escola? O que os novos sujeitos da pedagogia estão pensando sobre ela? Como os movimentos culturais e sociais estão percebendo a escola? O que nós, pesquisadores(as) em educação e professores(as), como herdeiros dessa instituição, temos a dizer? Quais as nossas escolhas éticas, estéticas e políticas quando pronunciamos, mais uma vez, a indagação “a escola tem futuro?”. Essas e outras tantas perguntas nos acompanharam na elaboração deste Dossiê.

Nessa direção, o Dossiê é composto por entrevistas e artigos, tanto de pesquisadores(as) que haviam sido entrevistados(as) por ocasião da publicação da referida obra quanto de pesquisadores(as) e professores(as) que têm, no cenário atual, problematizado a escola. Trata-se de mantermos aberta a indagação que a obra nos legou.

Encerramos este Dossiê com um agradecimento especial à Marisa Vorraber Costa, cujas produções têm sido, há décadas, referência incontornável para pensar a escola como campo de disputas, de invenções e de resistências. Sua escrita — rigorosa, crítica, atenta às contradições e aos atravessamentos do tempo presente — continua nos convocando a pensar, perguntar e agir. Esta publicação é também um gesto de reconhecimento à força de seu pensamento e à pergunta que permanece reverberando: a escola tem futuro?

Referências

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A escola tem futuro?** 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã:** diálogo. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Sobre os organizadores do Dossiê

Allan Rodrigues

Doutor e mestre em Educação pela UERJ. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Realiza estágio de pós-doutorado em Educação, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na UERJ. Professor da UNESA. E-mail: allancr@id.uff.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0233-7697>.

Viviane Castro Camozzato

Doutora e mestre em Educação pela UFRGS. Licenciada em Pedagogia pela UFRGS. Realiza estágio de pós-doutorado em Educação na UFRGS. Professora da UERGS, na unidade em Bagé. E-mail: vicamozzato@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2617-0529>.

Mônica Knöpker

Doutora em Educação pela UFRGS, mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), especialista em Gestão Escolar pela UFRGS e licenciada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Realizou estágio de pós-doutorado em Educação Científica e Tecnológica na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do IFSC, câmpus Araranguá. E-mail: monica.knopker@ifsc.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0766-1621>.

Recebido em: 25/06/2025

Aceito para publicação em: 02/07/2025